

1- Qual a importância do estereótipo para a Psicologia?

Marcos Emanuel: O conceito de estereótipo vem sendo trabalhado no âmbito da Psicologia desde a década de 30 e tem dois tipos de importância. A primeira é vinculada à economia cognitiva, ou seja, quando o estereótipo é positivo no sentido que nos ajuda a simplificar e organizar o mundo. Com o uma crença estereotipada, o indivíduo é capaz de orientar sua conduta e seus comportamentos sem precisar fazer um julgamento individualizado de qualquer pessoa. A outra maneira é o uso do estereótipo para legitimar e justificar determinados tipos de posições. Nesse sentido, os estereótipos assumem uma posição mais negativa. Para a Psicologia a importância do estereótipo é esse duplo papel que ele assume; o de simplificação e de legitimação da realidade.

2- Existe uma especificidade para a(o) negra(o) baiana(o) quando se fala em estereótipo?

ME: Você pode estabelecer uma distinção conceitual entre hétero estereótipo e auto estereótipo. O hétero estereótipo é aplicado a uma pessoa que é externa ao grupo. Existe um estereótipo de quem vem de fora da Bahia. Qual é esse estereótipo? É o estereótipo da(o) negra(o) de um modo geral que vai incluir elementos como: habilidade artística, jogo de cintura, sensualidade e trejeitos, porém descoloridos por uma roupagem global onde vai existir a ênfase das festas, da hospitalidade, mas que de certa forma reproduz os estereótipos do negro que você vai encontrar em diversos tipos de contextos. Também tem o auto estereótipo. Será que a(o)s negra(o)s daqui da Bahia envolvem determinados estereótipos que de certa forma funcionam como reforçador da identidade negra? Poderia ser feito um estudo de mapeamento de como se vê a(o) negra(o) baiana(o) de quem vê de fora e da(o) própria(o) negra(o) daqui. Vão existir características e essas características são diferenciadas a partir do ponto de vista de quem vem de fora e as observa e das próprias características que a(o) negra(o) quer vir a apresentar.

3- O número de pesquisas da pós-graduação sobre essa temática condiz com a realidade da nossa população?

ME: Não. Primeiro por conta do que se estima ser a população nas quais as questões raciais têm uma posição premente. Além disso, eu penso que se uma área de conhecimento é escassa existe alguma razão interna à ciência para que essa área não cresça. O que se pode contribuir para esse crescimento? No meu entendimento isso vai crescer na medida em que a população negra vai tendo seu espaço na universidade, na medida em que ela vai obtendo títulos e conduzindo pesquisas. Com isso, essa população estará mais sensibilizada para esse tipo de questão.

Depoimentos:

A(o)s Psicóloga(o)s precisam ser alertada(o)s sobre sua função dentro das empresas, onde ela(e)s precisam chamar a atenção do RH, da gestão e do corpo dirigente sobre este tema. Acho que existe um medo de discutir as relações raciais, é uma espécie de tabu. A(o)s profissionais acham que vão tocar em feridas, vão acirrar ânimos, como se já não houvesse acirramento e não fôssemos identificados pela nossa aparência. A psicologia organizacional precisa também encontrar um meio de trazer à tona a questão racial porque somos percebida(o)s dessa forma. Se a gente for considerar os meios de comunicação, nós não nos vemos, mas considero que o mais importante nisso tudo é que apesar da hegemonia branca, nós sobrevivemos; conseguimos dizer que somos bonitos apesar da televisão dizer que não e da mídia mostrar apenas seus padrões de beleza.

Altair Paim (CRP03/2047)

Os números [de homicídios de negr(a)os no Brasil] não escondem a construção histórica deste país, em que são criminalizados, principalmente, os jovens, negros, pobres e moradores de periferias, fundados no esvaziamento da implicação coletiva e da construção histórica e sociopolítica do olhar e do outro. O preconceito esvazia suas tramas com o poder, sua eficácia política na manutenção e na desqualificação dos modos de existir. São atos genocidas, e não somente porque efetivamente retiram a vida. São genocidas porque retiram da vida o sentido de experimentação e de criação coletiva. Retiram do ato de viver o caráter pleno de luta política e da afirmação de modos singulares de existir. São genocidas porque entendem a ética como questão da polícia, do ressentimento e do medo. Deste modo, somos todos vítimas de genocídio, independente do estado em que permanecemos com nossas vidas biológicas.

Pedro Paulo Bicalho (CRP05/26077)

